

O SENTIDO DAS PAIXÕES E EMOÇÕES: HUME

[THE MEANING OF PASSIONS AND EMOTIONS: HUME]

*Frederico Ramalho Romero **

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

RESUMO: Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica crítica sobre as características centrais da Teoria das Paixões e Emoções de Hume, que concebeu a filosofia da natureza humana como uma ciência analítica e experimental. Essa visão é contrária à ideia antiga e medieval de que as paixões eram movimentos das partes inferiores da alma. Para Hume, as paixões em geral estão entre as percepções da mente, embora também sirvam como motivações para agir e mesmo para raciocinar. A aparente dicotomia que existia entre paixões e razão foi abandonada e a razão foi tratada como uma paixão calma. Dessa forma, Hume destronou a razão de sua posição soberana no conhecimento. Para ele, as paixões não são subordinadas e nem são independentes da razão; a razão é que é subordinada às paixões.

PALAVRAS-CHAVE: História Moderna; Sentimentos; Percepções; Empirismo.

ABSTRACT: This article presents a critical bibliographic review of the central characteristics of Hume's Theory of Passions and Emotions, which conceived the philosophy of human nature as an analytical and experimental science. This view is contrary to the ancient and medieval ideas that passions were movements of the lower parts of the soul. For Hume, passions in general are among the perceptions of the mind, although they also serve as motivations to act and even to reason. The apparent dichotomy that existed between passions and reason was abandoned and reason was treated as a calm passion. Hence, Hume dethroned reason from its sovereign position in knowledge. For him, passions are neither subordinate nor independent of reason; it is the reason that is subordinate to passions.

KEYWORDS: Modern History; Feelings; Perceptions; Empiricism.

1 INTRODUÇÃO

Os pensadores da Idade Média definiam as paixões como movimentos do apetite sensitivo provenientes das partes inferiores da alma em direção aos bens sensíveis, e em sentido contrário aos males sensíveis; como sintomas do pecado original, sinais da rebelião do corpo contra a mente e da doença e ruína da alma, e punição pela desobediência de Adão e Eva perante Deus. Já os autores da Idade

* *Doutorado em Filosofia (2018-2023) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) - Campus Toledo. Graduação em Medicina (1993-2000) na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e em Direito (2016-2020) no Centro Universitário da Faculdade Assis Gurgacz (FAG); Residência Médica em Cirurgia Geral (2001-2003) e Urologia (2003-2005) na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP); Research Fellowship em Endourologia e Laparoscopia (2005-2006) na Johns Hopkins University (JHU); Mestrado (2007-2008), Doutorado (2009-2012) e pós-Doutorado (2014-2015) em Medicina (Clínica Cirúrgica) na UFPR. E-mail: frederico.romero2@gmail.com*

Moderna, influenciados pelo pensamento iluminista da época, procuraram afastar as paixões e emoções do âmbito da virtude moral e trazê-las mais para o âmbito da ciência.

David Hume concebeu a filosofia da natureza humana como uma ciência analítica, que se concentrava nas “relações de ideias”, e experimental, baseada nas “questões de fato”. Ele criticava a filosofia racionalista de seus contemporâneos por ser muito especulativa, baseando-se em suposições *a priori* e prestando muito pouca atenção à verdadeira essência da natureza. Sua crítica da metafísica abre caminho para o desenvolvimento de uma ciência empírica da natureza humana (CRANSTON; JESSOP, 2021, n. p.; MORRIS; BROWN, 2021, n. p.). Assim, Hume procura mostrar que “[...] na produção e condução das paixões, há um certo mecanismo regular, que é suscetível de uma investigação tão precisa quanto as leis do movimento, ótica, hidrostática ou qualquer parte da filosofia natural” (HUME, *Dissertation*, 2007 [6.9]¹).

Para se entender melhor o significado e a evolução histórica das expressões utilizadas para descrever o que atualmente são denominadas “emoções”, o objetivo geral deste artigo é examinar as características centrais das visões de Hume em suas análises da vida afetiva do homem. Os objetivos específicos são identificar os termos utilizados, delimitando os verdadeiros sentidos atribuídos pelo autor, e avaliar o contexto histórico e cultural em que foram empregados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As obras filosóficas abrangentes de Hume discutem as emoções longamente, mais notavelmente em *A treatise of human nature* (*Tratado da natureza humana*, 1740), que dedica o segundo de seus três livros às paixões, bem como em *A dissertation on the passions* (*Dissertação sobre as paixões*, 1757), que cobre praticamente o mesmo material. Em 1748, ele produziu *Enquiry concerning human understanding* (*Investigação sobre o entendimento humano*), expandindo e esclarecendo os principais argumentos de sua filosofia e limitando suas especulações psicológicas a modestas dicas de “explicações e analogias”. Por causa da tendência sentimentalista de Hume, seus trabalhos sobre filosofia moral também são importantes para sua compreensão das emoções, incluindo o “Livro III” do *Tratado*, sobre os sentimentos morais, e o *Enquiry concerning the principles of morals* (*Investigação sobre os princípios da moral*, 1751). Os ensaios de Hume, publicados em várias edições durante sua vida, também cobrem diversos tópicos relacionados às emoções, como *Of the delicacy of taste and passion* (*Da delicadeza do gosto e da paixão*, 1742). O *Tratado*, no entanto, contém amplo material para servir de ponto de partida.

Hume agrupa as paixões em geral entre as percepções da mente, embora também sirvam como motivações para agir e mesmo para raciocinar. Ao fazer isso, ele usa uma série de termos para descrever as percepções afetivas, especialmente “paixão” (*passion*), “sentimento” (*sentiment*) e “gosto” (*taste*). Embora às vezes ele use “emoção” (*emotion*) de forma intercambiável com paixão, como se fossem sinônimos – “Um pintor, que pretenda representar uma paixão [*passion*] ou emoção [*emotion*] de qualquer tipo, se esforçaria por ver uma pessoa movida por uma emoção semelhante [...]” (HUME, *Treatise*, 1960 [I.III.V²]) –, Hume muitas vezes parece utilizar o termo emoção para descrever as características de determinadas paixões ou um estado particularmente tumultuado que as paixões despertam na alma e que constituem sua própria essência.

Nossas impressões internas são nossas paixões, emoções, desejos e aversões; nenhum dos quais, creio eu, jamais será afirmado como o modelo, do qual a ideia de espaço é derivada. Portanto, nada resta senão os sentidos, que podem nos transmitir essa impressão original (HUME, *Treatise*, 1960 [I.II.III³]).

As percepções da mente se dividem em dois tipos – impressões e ideias:

Essas percepções, que entram com mais força e violência, podemos nomear *impressões*; e com este nome compreendo todas as nossas sensações, paixões e emoções, à medida que aparecem pela primeira vez na alma. Por *ideias*, quero dizer as imagens tênues dessas no pensamento e no raciocínio; tais como, por exemplo, são todas as percepções excitadas pelo presente discurso, exceto apenas, aquelas que surgem da visão e do tato, e exceto o prazer imediato ou mal-estar que pode ocasionar (HUME, *Treatise*, 1960 [I.I.I⁴]).

As impressões também podem ser divididas em dois tipos: impressões dos sentidos (originais) e impressões de reflexão (secundárias).

As impressões originais ou impressões dos sentidos são aquelas que, sem qualquer percepção anterior, surgem na alma, da constituição do corpo, dos espíritos animais ou da aplicação de objetos aos órgãos externos. Impressões secundárias ou de reflexão são aquelas que procedem de algumas dessas originais, seja imediatamente ou pela interposição de sua ideia (HUME, *Treatise*, 1960 [I.I.I⁵]).

As impressões dos sentidos são as que, sem qualquer percepção prévia, surgem na alma, originando-se a partir do próprio corpo, dos espíritos animais ou da aplicação de objetos externos aos órgãos dos sentidos. Essas impressões incluem todas as sensações provenientes dos órgãos dos sentidos, bem como percepções de prazer e dor.

As impressões de reflexão vêm à mente como reflexos das impressões originais, ou de ideias derivadas delas, e incluem todas as paixões e sentimentos. No Livro I do *Tratado*, Hume diz que as impressões dos sentidos surgem na alma “[...] originalmente, de causas desconhecidas” (HUME, *Treatise*, 1960 [I.I.I⁶]), enquanto as impressões secundárias surgem “[...] em grande medida a partir de nossas ideias [...]” (HUME, *Treatise*, 1960 [I.I.I⁷]).

Uma primeira impressão atinge os sentidos e nos faz perceber o calor ou o frio, a sede ou a fome, o prazer ou a dor de um tipo ou de outro. Dessa impressão há uma cópia tirada pela mente, que permanece depois que a impressão cessa; e isso chamamos de ideia. Essa ideia de prazer ou dor, quando retorna à alma, produz as novas impressões de desejo e aversão, esperança e medo, que podem ser apropriadamente chamadas de impressões de reflexão, porque delas derivam (HUME, *Treatise*, 1960 [I.I.I⁸]).

Ainda assim, Hume considera até mesmo as impressões secundárias como “existências originais” (*original existences*), pois elas podem seguir os passos de uma impressão ou ideia distintas, mas não são cópias delas. Por outro lado, as impressões podem estar associadas ou relacionadas por meio da semelhança, e são essas construções associativas que fornecem estrutura aos processos de pensamento habitualmente caóticos (particularmente através da “dupla relação de ideias e impressões”).

Nesse sentido, Hume afirma ter descoberto o “verdadeiro sistema” (*true system*) das paixões, correlacionando as propriedades do seu sujeito – que é o “eu” (*self*) ou outro alguém – e sua sensação – que é prazerosa ou dolorosa (HUME, *Treatise*, 1960 [I.I.I.V]). De acordo com Collier (2011, p. 4), sua confiança aparentemente não diminuiu com o tempo e, para Hume, sua explicação psicológica das emoções deve ser reconhecida como “incontestável” (HUME, *Dissertation*, 2007 [2.13]).

Mas se Hume usa terminologia clássica – como paixões e emoções –, ele introduz algumas inovações, como aplicar a distinção entre “calmo” (*calm*) e “violento” (*violent*) para distinguir entre tipos de paixões (SCHMITTER, 2021, n. p.).

As impressões de reflexão podem ser divididas em dois tipos, isto é, o calmo e o violento. Do primeiro tipo está a sensação de beleza e deformidade nas ações, composições artísticas e objetos externos. Do segundo estão as paixões de amor e ódio, tristeza e alegria, orgulho e humildade (HUME, *Treatise*, 1960 [II.I.º]).

Embora em outros textos Hume às vezes reserve o termo “emoção” para as paixões violentas, essa divisão desempenha um papel pequeno no *Tratado*, e Hume insiste que as paixões calmas não são necessariamente fracas, nem as violentas são obrigatoriamente fortes (SCHMITTER, 2021, n. p.).

Hume também fala sobre “sentimentos” (*feelings* ou *sentiments*) que parecem respostas afetivas relativamente refinadas. O ensaio *Da delicadeza do gosto e da paixão* apresenta um claro contraste entre aquele “gosto superior e mais refinado” (*delicacy of taste*), que também se identifica com o sentimento, e as paixões violentas que perturbam as almas mais suscetíveis (*delicacy of passion*). No primeiro caso, o indivíduo tem uma sensibilidade exacerbada para beleza e deformidade em ações, livros, obras de arte, companheiros etc., isto é, paixões geralmente calmas, incluindo aquelas produzidas pela beleza de uma roupa fina, do elogio, da busca pela verdade ou da música. No segundo, o sujeito é extremamente sensível aos acidentes da vida, manifestando prazer exagerado para cada evento próspero, assim como um sofrimento lancinante perante infortúnios e adversidades. Em ambos os casos, amplia-se excessivamente as esferas de felicidade e miséria do indivíduo, tornando-o mais sensível às dores e aos prazeres mundanos do que o resto da humanidade.

Apesar das semelhanças, ninguém duvida que a maior delicadeza ao gosto é um estado mais digno de ser desejado do que a maior sensibilidade às paixões. Entretanto, como as vicissitudes da vida estão muito pouco sob controle do homem, os filósofos têm se esforçado para tornar a felicidade inteiramente independente de tudo o que é externo. Para Hume, apesar de ser impossível alcançar esse grau de perfeição, todo homem sábio se esforçará para depositar sua felicidade em objetos que dependam principalmente de si mesmo e isso pode ser alcançado cultivando-se uma maior delicadeza de gosto ou sentimento. Quando um homem adquire esse talento, “[...] fica mais feliz com o que agrada ao seu gosto do que com o que satisfaz seus apetites, e obtém mais prazer de um poema ou de um raciocínio do que o luxo mais caro pode proporcionar” (HUME, *Delicacy of taste and passion*, 1987¹⁰).

Assim, gosto e sentimento são estados afetivos calmos, suscetíveis de cultivo, sujeitos a padrões e capazes de refrear os excessos das paixões excessivamente violentas. Esse uso pode explicar por que, quando Hume se move para a filosofia moral no “Livro III” de seu *Tratado da natureza humana* (1739-40), ele usa “sentimento” quase exclusivamente para as impressões afetivas que permitem fazer distinções morais. Todavia, qualquer distinção que ele possa ter pretendido com as diferentes escolhas de palavras permanece imprecisa e sujeita a interpretações concorrentes (SCHMITTER, 2021, n. p.).

Mais importante para os propósitos de Hume é a distinção entre paixões diretas e indiretas. As paixões diretas normalmente surgem imediatamente do “bem ou do mal, da dor ou do prazer” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.III.1¹¹]). As paixões indiretas também estão

fundadas na dor e no prazer, mas requerem a “[...] conjunção de outras qualidades” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.I.I¹²]), particularmente a interposição de uma dupla associação de ideias e impressões decorrentes de um objeto relacionado ao próprio indivíduo ou a outrem.

A associação de ideias é o princípio pelo qual pode-se fazer uma transição fácil de uma ideia para outra. Por mais incertos e mutáveis que possam ser os pensamentos, eles não são inteiramente desprovidos de regras e métodos em suas mudanças, e costumam passar com regularidade de um objeto para o que se assemelha a ele, é contíguo a ele, ou produzido por ele. Quando uma ideia está presente na imaginação, qualquer outra, unida por essas relações, segue-a naturalmente e entra com mais facilidade, em virtude dessa introdução.

Algumas coisas podem produzir uma sensação agradável, quando são chamados de bens, enquanto outras, pela sensação imediata desagradável que produzem, são chamadas de males. Desse modo, “[...] o calor moderado é agradável e bom; calor excessivo doloroso e mau” (HUME, *Dissertation*, 2007 [1.1¹³]).

Algumas coisas também podem, por serem naturalmente consoantes ou contrárias à paixão, despertar uma sensação agradável ou dolorosa, sendo igualmente chamadas de boas ou más; “[...] o castigo de um adversário, por gratificante vingança, é bom; a doença de um companheiro, por afetar a amizade, é má” (HUME, *Dissertation*, 2007 [1.1¹⁴]).

Assim, toda ideia de bem ou mal, de onde quer que surja, produz várias paixões, de acordo com a luz em que é examinada. Quando o bem é certo ou muito provável, ele produz alegria. Quando o mal está na mesma situação, surge o pesar ou a tristeza. Quando o bem ou o mal são incertos, originam-se o medo ou a esperança, de acordo com o grau de incerteza de um lado ou do outro. O desejo surge do bem considerado em si mesmo e a aversão, do mal. A vontade ocorre quando a presença do bem ou a ausência do mal podem ser alcançadas por qualquer ação da mente ou do corpo.

Por se originarem de um impulso ou instinto natural da mente em perseguir e se satisfazer com os prazeres, ao mesmo tempo em que procura escapar e evitar a dor, essas paixões são denominadas paixões diretas. Quando, porém, um objeto qualquer não causa por si mesmo nenhuma paixão original, ou seja, nenhuma dor ou prazer independentes, sendo necessário para isso que ele tenha uma relação de ideias com o próprio indivíduo ou com outras pessoas relacionadas a ele, as paixões resultantes são chamadas de indiretas. A paixão de orgulho, por exemplo, está sempre relacionada a uma ideia de valor presente na mente do próprio indivíduo, como conhecimento, beleza e outros dons corporais, propriedades, família etc. Essa associação estabelece uma conexão entre a causa da paixão – os referidos valores – e o seu sujeito – o próprio indivíduo.

As paixões diretas decorrem naturalmente do bem e do mal, sem necessidade de preparação, pois a mente tende a se unir ao bem e a evitar o mal por um “instinto original” (*original instinct*), mesmo que os conceba meramente por ideias e os antecipe apenas em algum período futuro. A curiosidade, ou amor à verdade, está entre as paixões diretas, que geralmente incluem desejo e aversão, tristeza e alegria, esperança e medo, juntamente com a volição ou vontade, que Hume define como “[...] a impressão interna que sentimos e da qual temos consciência, quando conscientemente damos origem a qualquer novo movimento de nosso corpo, ou nova percepção de nossa mente” (HUME,

Treatise, 1960 [II.III.I¹⁵]).

Para ele, a vontade, assim como qualquer outra percepção da mente, é regulada por uma espécie de determinismo – “necessidade” (*necessity*), em contraposição ao livre-arbítrio – “liberdade ou acaso” (*liberty or chance*).

A necessidade de qualquer ação, seja da matéria ou da mente, não é propriamente uma qualidade do agente, mas de qualquer ser pensante ou inteligente, que pode considerar de fora a ação, e consiste na determinação de seu pensamento para inferir sua existência a partir de alguns objetos precedentes. A liberdade ou acaso, por outro lado, nada mais é do que a falta dessa determinação, e uma certa indefinição, que sentimos ao passar ou não passar da ideia de uma à outra (HUME, *Treatise*, 1960 [II.III.II¹⁶]).

A vontade em si não é uma paixão, mas está intimamente ligada às paixões diretas, uma vez que constituem seus “motivos influenciadores” (*influencing motives*) (HUME, *Treatise*, 1960 [II.III.III]). Entre as paixões diretas que movem a vontade, Hume inclui tanto aquelas que surgem da dor ou prazer quanto aquelas que vêm “de um impulso ou instinto natural” (*natural instinct*) que “[...] propriamente falando, produzem o bem ou o mal [...]” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.III.IX¹⁷]).

Por sua vez, as paixões indiretas, sendo sempre agradáveis ou desagradáveis em decorrência de um objeto relacionado ao indivíduo ou alguém conexo a ele, dão uma força adicional às paixões diretas e aumentam o desejo e aversão pelo objeto, despertando novas impressões de orgulho ou humildade, amor ou ódio. Assim, uma roupa elegante produz prazer por sua beleza e esse prazer produz as paixões diretas, ou impressões de volição e desejo. Mas quando se considera que essas roupas pertencem ao próprio indivíduo, a dupla relação de ideias e impressões transmite-lhe o sentimento de orgulho, que é uma paixão indireta, e o prazer que acompanha essa paixão reflete sobre os afetos diretos, dando nova força ao desejo ou volição, alegria ou esperança. Assim, Hume também admite que as paixões indiretas podem influenciar a vontade por meio de seus efeitos sobre as paixões diretas.

Ao contrário de outros autores que o precederam, Hume não procura enumerar e definir individualmente cada paixão, pois considera que “[...] É impossível que possamos jamais, por uma infinidade de palavras, dar uma definição [...] justa de qualquer uma das paixões” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.I.II¹⁸]). Assim, ao invés de descrever as paixões em si, ele prefere descrever as circunstâncias, causas e objetos que caracterizam as paixões com exemplos da experiência cotidiana.

A causa das paixões são as coisas ou ideias que excitam as emoções e os seus sujeitos são os alvos para os quais a mente se direciona quando excitada por elas. As causas do orgulho e do amor são uma virtude e as causas da humildade e do ódio, um vício. Por sua vez, seus sujeitos são, respectivamente, o próprio indivíduo – “eu” (*self*) – e “os outros” (*other person*).

Hume apresenta regras gerais que têm grande influência sobre todas as paixões, mas, como método explicativo, descreve inicialmente as circunstâncias e princípios associados às paixões de orgulho (*pride*) e humildade (*humility*), para posteriormente alargar esse sistema, incluindo amor (*love*) e ódio (*hatred*), medo (*fear*) e esperança (*hope*) e curiosidade (*curiosity*) ou amor à verdade (*love of truth*).

Orgulho é “uma certa satisfação em nós mesmos, por alguma realização ou posse, de que desfrutamos” (HUME, *Dissertation*, 2007 [1.9¹⁹]). Humildade, por outro lado, é “uma insatisfação com nós mesmos, por algum defeito ou enfermidade” (HUME,

Dissertation, 2007 [1.9²⁰]). As causas do orgulho e da humildade são, respectivamente, uma virtude e um vício, e os seus sujeitos são o próprio indivíduo.

Hume alerta que algumas pessoas podem se surpreender ao ouvir dizer que a virtude suscita o orgulho, coisa que veem como um vício; e que o vício produz a humildade, que aprenderam a considerar uma virtude. Mas ele defende que nem sempre “[...] aquela impressão agradável, que nos deixa [...] satisfeitos com nós mesmos [...]” é um vício (HUME, *Treatise*, 1960 [II.I.VII²¹]); tampouco é sempre uma virtude “a insatisfação com nós mesmos, por algum defeito ou enfermidade” (HUME, *Dissertation*, 2007 [1.9²²]). Mesmo a mais rígida moral permite que se sinta prazer ao refletir sobre uma ação generosa e nenhuma considera que seja uma virtude sentir remorsos inúteis quando se pensa em ações pouco louváveis cometidas no passado.

Embora o “eu” seja sempre o sujeito dessas duas paixões, é impossível que ele seja também sua causa, pois não é possível que um homem seja ao mesmo tempo orgulhoso e humilde em relação a mesma coisa, devendo haver uma razão diferente para cada uma das paixões. As causas mais evidentes do orgulho e da humildade são, respectivamente, mérito e demérito pessoais. A própria essência da virtude é produzir prazer; e a do vício é causar dor. O prazer e a dor, portanto, sendo fontes primárias do bem e do mal, também são causas do orgulho e da humildade, que acompanham de maneira inevitável essa distinção.

Mas apesar do orgulho e da humildade terem como causa natural e imediata as qualidades e vícios da mente e do corpo, ou seja, do próprio indivíduo, muitos outros objetos produzem essas afecções, quando associados ao indivíduo por qualquer relação particular, incluindo “casas, jardins, equipamentos e outros objetos externos; bem como sobre méritos e realizações pessoais” (HUME, *Dissertation*, 2007 [2.8²³]).

Os homens também têm orgulho da feliz temperatura do clima em que nascem; da fertilidade de seu solo nativo; da bondade dos vinhos, frutas ou alimentos produzidos por ela; da suavidade ou força de sua linguagem, com outras particularidades desse tipo. Esses objetos têm claramente uma referência aos prazeres dos sentidos e são originalmente considerados como agradáveis ao tato, paladar ou audição (HUME, *Dissertation*, 2007 [2.8²⁴]).

O exame dessas causas mostra que é necessário fazer uma distinção entre as causas da paixão, a saber, a qualidade operante e o sujeito em que essa qualidade está situada. Um homem, por exemplo, orgulha-se da bela casa que lhe pertence. Aqui, o sujeito (*object*) da paixão é ele mesmo e a causa (*cause*) é a bela casa, que pode ser subdividida em duas partes – qualidade (*quality*; beleza) e objeto (*subject*; casa). A beleza, considerada em si mesma, não produz orgulho ou vaidade a menos que esteja relacionada ao indivíduo. Visto que esses dois elementos são facilmente separados, e há necessidade de sua conjunção a fim de produzir a paixão, deve-se considerá-los como partes componentes da causa.

Todavia, a autovalorização maior ou menor de um indivíduo não provém somente da presença dessas ideias de valores na mente, mas da sua associação com impressões ou sensações de prazer ou dor; “[...] a propriedade de alguma coisa, que dá prazer seja por sua utilidade, beleza ou novidade, também produz orgulho por uma dupla relação de impressões e ideias [...]” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.I.X²⁵]). Nesse caso, a conexão de impressões se refere à relação existente entre a sensação de prazer e os valores de utilidade, beleza ou novidade; e a conexão de ideias se refere à relação

entre a propriedade e o próprio indivíduo. Como as paixões dependem dessa dupla conexão, o que quer que aumente essas conexões tende também a reforçar a paixão e o que quer que as enfraqueça, tende a diminuí-la.

De acordo com Hume, a propriedade é a relação que tem a maior influência sobre as paixões, em decorrência do máximo poder e autoridade que ela exerce sobre o objeto.

Seu vinho [...] tem um sabor mais fino do que qualquer outro; sua culinária é mais requintada; sua mesa mais organizada; seus servos mais experientes; o ar em que vive, mais saudável; o solo, que ele cultivava, é mais fértil; seus frutos amadurecem mais cedo e com maior perfeição: tal coisa é notável por sua novidade; tal outro por sua antiguidade: Esta é a obra de um artista famoso; que pertenceu a tal príncipe ou grande homem (HUME, *Dissertation*, 2007 [2.9⁶]).

A simples menção de propriedade leva naturalmente o pensamento ao proprietário e do proprietário à propriedade, provando a existência de uma perfeita relação de ideias. Ao mesmo tempo, se essas ideias provocarem sensações, ou impressões, de prazer ou dor no indivíduo, segue-se com facilidade a paixão de orgulho ou humildade dessa conjunção de relações.

Da mesma maneira, uma pessoa que está relacionada ou ligada ao indivíduo por parentesco ou por afinidades de fortuna, aventuras, profissão ou procedência, logo se torna um companheiro agradável, pois ambos têm sentimentos e concepções que se relacionam fácil e intimamente. A sua imaginação corre suavemente ao longo da relação ou conexão existente entre eles, concebendo o outro com total simpatia e entrando profundamente nos seus sentimentos, quase como se estivesse conectado a si mesmo. Assim, “amamos nossos compatriotas, nossos vizinhos, aqueles do mesmo ofício, profissão, e até mesmo nosso nome. Cada uma dessas relações é considerada algum vínculo, e dá título a uma parte de nosso afeto” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.II.IV²⁷]).

É evidente que as pessoas se associam de acordo com seus temperamentos e disposições particulares. Os homens de temperamento alegre naturalmente amam as pessoas alegres e os de temperamento sério sentem afeição pelas pessoas sérias. Isso acontece não somente quando percebem essa semelhança entre eles e os outros, mas também pelo curso natural de sua disposição e por uma certa simpatia que sempre nasce entre temperamentos similares. Quando os homens percebem a semelhança, ela atua como uma relação, isto é, produzindo uma conexão de ideias.

Hume descreve o princípio da simpatia como uma das maiores forças da natureza humana, que se manifesta por um notável desejo de companhia, impedindo que o homem viva fora da sociedade, e é responsável pela produção de toda e qualquer paixão, incluindo amor, ódio, orgulho, ambição, avareza, curiosidade, vingança ou luxúria.

Em geral, podemos observar que as mentes dos homens são como espelhos umas das outras, não apenas porque refletem as emoções uns dos outros, mas também porque esses raios de paixões, sentimentos e opiniões podem muitas vezes reverberar e deteriorar-se gradual e insensivelmente. Assim, o prazer que um homem rico recebe de suas posses, projetado sobre o observador, causa prazer e estima; cujos sentimentos, novamente, sendo objetos de percepção e simpatia, aumentam o prazer do possuidor; e sendo mais uma vez refletidos, tornam-se uma nova base para o prazer e a estima do observador. Há certamente uma satisfação original nas riquezas derivadas desse poder, que elas conferem, de desfrutar de todos os prazeres da vida; e como esta é sua própria natureza e essência, deve ser a primeira fonte de todas as paixões que surgem delas (HUME, *Treatise*, 1960 [II.II.V²⁸]).

A simpatia nem sempre se limita ao momento presente. Pode-se sentir dores e prazeres alheios que ainda não existem, mas que podem ser antecipados pela força da imaginação e das ideias.

As virtudes, serventia e fortuna de um homem também podem inspirar prontamente a estima e afeição por um parente seu. O filho de um amigo tem naturalmente preferência à nossa amizade e simpatia. Os parentes de um homem muito grande valorizam-se e são valorizados pelos outros por causa dessa relação. A força da dupla relação entre ideias e sentimentos é aqui totalmente exibida, estendendo-se em direção aos objetos próximos, incluindo parentes e amigos do objeto original da paixão.

A ideia do “eu” está sempre intimamente presente no homem, e transmite um grau de vividez sensível à ideia de qualquer objeto que com ele esteja relacionado. Essa ideia vívida se transforma gradualmente em impressão real, pois esses dois tipos de percepção são em grande medida iguais, diferindo apenas em seus graus de força e vividez. Mas essa transformação deve se produzir ainda com mais facilidade pelo fato de que, naturalmente, pela associação de ideias e impressões, o temperamento do indivíduo se torna propenso à mesma impressão que observa em outras pessoas com quem tem parentesco ou familiaridade, fazendo essa impressão surgir ao menor sinal de sua existência em outrem. Nesse caso, a semelhança converte a ideia em impressão, transferindo-se a vividez original para a paixão relacionada.

Para Hume, os homens são tão pouco governados pela razão em seus sentimentos e opiniões que julgam os objetos mais por comparação que por seu mérito e valor intrínsecos. Considerando-se que todo objeto é acompanhado por alguma emoção proporcional a sua extensão ou número e que os objetos parecem maiores ou menores pela comparação com outros, é evidente que a satisfação ou o desprazer que se sente reflete as condições e circunstâncias relacionadas aos seus objetos.

[...] Um grande objeto faz com que um pequeno pareça menor [do que é na realidade]. A deformidade por si mesma produz inquietação, mas nos faz receber um novo prazer por seu contraste com um belo objeto, cuja beleza é aumentada por ela; como, por outro lado, a beleza, que por si mesma produz prazer, faz com que experimentemos uma dor maior por seu contraste com algo feio, cuja deformidade ela aumenta. O caso, portanto, deve ser o mesmo com a felicidade e a miséria. A observação direta do prazer alheio naturalmente nos dá prazer e, portanto, produz dor quando esse prazer é comparado com o nosso. A dor alheia, considerada em si, é dolorosa para nós, mas aumenta a ideia de nossa própria felicidade e nos dá prazer (HUME, *Treatise*, 1960 [II.II.VIII²⁹]).

Por outro lado, uma grande diferença ou desproporção pode cortar essa relação de ideias e impedir ou diminuir os efeitos de determinados sentimentos. A inveja, por exemplo, surge de uma ideia de superioridade nos outros, mas não é a grande diferença entre os homens que excita essa paixão, mas, pelo contrário, a proximidade entre eles. Uma grande diferença cortaria essa relação de ideias e não causaria paixão.

Um poeta não está apto a invejar um filósofo, ou um poeta de um tipo diferente, de uma nação diferente ou de uma época diferente. Todas essas diferenças, se não impedem, pelo menos enfraquecem a comparação e, conseqüentemente, a paixão (HUME, *Dissertation*, 2007 [4.5³⁰]).

Assim, não deve surpreender que uma transição fácil da imaginação tenha tal influência sobre todas as paixões. É essa mesma circunstância que forma todas as relações e conexões entre os objetos. Não se conhece nenhuma conexão real entre uma

coisa e outra. Sabe-se apenas que a ideia de uma coisa está associada à de outra e que a imaginação faz uma transição fácil entre elas. E como a associação de ideias e sentimentos se auxiliam mutuamente, pode-se esperar que esse princípio deva ter influência poderosa em todos os movimentos e afecções internas do homem.

[...] qualquer som contínuo, como a música dos pássaros, ou o cair das águas, desperta a cada momento a mente de quem vê, e o torna mais atento às diversas belezas do lugar, que se encontram à sua frente. Assim, se surge uma fragrância de cheiros ou perfumes, eles aumentam o prazer da imaginação e fazem até mesmo as cores e o verde da paisagem parecerem mais agradáveis; pois as ideias de ambos os sentidos recomendam-se mutuamente e são mais agradáveis juntas do que quando entram na mente separadamente [...] (HUME, *Treatise*, 1960 [II.I.V³¹]).

Mas a associação de ideias, embora necessária, nem sempre é suficiente para, sozinha, despertar uma paixão. Às vezes, essa associação age de maneira tão silenciosa e imperceptível que não produz nenhum sentimento ou percepção imediata. Ela não produz nenhuma emoção e não gera nenhuma nova impressão, apenas modifica as ideias anteriormente presentes na mente e que podem ser lembradas, quando preciso.

Por outro lado, nada excita mais poderosamente qualquer paixão do que ocultar alguma parte de seu objeto causador, ao mesmo tempo que se mostra o suficiente para predispor o indivíduo em favor do objeto, pois essa obscuridade é sempre acompanhada por uma espécie de incerteza. O esforço que a imaginação faz para completar a ideia, estimula os espíritos animais e dá força adicional à paixão.

Hume cita La Rochefoucauld ao explicar que a ausência do objeto destrói as paixões fracas, mas aumenta as fortes; “[...] como o vento apaga uma vela, mas atíça uma fogueira [...]” (HUME, *Dissertation*, 2007 [6.7³²]). A longa ausência enfraquece naturalmente a ideia de uma coisa e diminui a paixão. Mas onde a paixão é tão forte e viva a ponto de se sustentar, o mal-estar, decorrente da ausência, aumenta a paixão e dá-lhe nova força e influência.

Outra circunstância que aumenta a força das paixões é a ideia de novidade. Quando a alma se dedica à realização de alguma ação ao qual não está acostumada, há certa inadequação nas faculdades e dificuldade dos espíritos animais em se moverem para sua nova direção. Como essa dificuldade excita os espíritos, é fonte de todas as emoções – agradáveis e dolorosas – que surgem da novidade, como tudo que anima a mente em um grau moderado. Consequentemente, tudo que é novo é mais intenso e produz mais prazer ou dor do que aquilo que naturalmente produziria. Quando a novidade passa, as paixões diminuem, pois a pressa excessiva dos espíritos animais se reduz, permitindo-se examinar o objeto com maior tranquilidade. Qualquer prazer desfrutado recentemente e que ainda está fresco na memória atua sobre a vontade com mais violência do que outros cujos vestígios estão deteriorados e quase apagados. Um prazer com o qual se está familiarizado afeta mais a mente do que qualquer outro prazer que se pode considerar superior, mas de cuja natureza se é totalmente ignorante. O que está distante, seja no lugar ou no tempo, não tem influência igual ao que está próximo e contíguo.

Por esse mesmo motivo, um prazer com o qual se está familiarizado afeta mais a mente do que qualquer outro prazer que se pode considerar superior, mas de cuja natureza se é totalmente ignorante. A mente encontra mais satisfação e conforto na visão de objetos a que está acostumada e, naturalmente, prefere estes a outros que conhece menos, ainda que possam ter mais valor em si próprios. Mais uma vez, a dupla relação

de ideias e impressões está presente.

De forma similar, todas as paixões semelhantes estão conectadas e assim que uma surge, outras a seguem naturalmente. A tristeza e a decepção dão origem à raiva, a raiva à inveja, a inveja à malícia e a malícia à tristeza. Da mesma forma, o temperamento de um indivíduo, quando elevado com alegria, naturalmente se lança ao amor, generosidade, coragem, orgulho e outras paixões semelhantes. A mente sempre apresenta uma propensão a passar de uma paixão a qualquer outra que esteja relacionada com ela e essa propensão é favorecida quando o objeto de uma das paixões tem uma relação com o objeto da outra. Os dois impulsos coincidem, tornando toda a transição mais suave e fácil.

[...] um homem, que, por qualquer injúria recebida de outro, está muito perturbado e agitado em seu temperamento, é capaz de encontrar uma centena de temas de ódio, descontentamento, impaciência, medo e outras paixões inquietantes; especialmente, se ele pode descobrir esses assuntos dentro ou perto da pessoa, que foi o objeto de sua primeira emoção (HUME, *Dissertation*, 2007 [2.3.33]).

As paixões somente se conectam por sua semelhança e quando duas paixões põem a mente na mesma disposição, ou em disposições similares, ela passa mais naturalmente de uma à outra. Ao contrário, uma incompatibilidade entre as disposições produz uma dificuldade na transição das paixões.

A transição do amor ou ódio para orgulho ou humildade, por exemplo, é mais fácil que a do orgulho ou humildade para amor ou ódio. Quando uma pessoa tem com outras uma relação de ideias, por parentesco ou afinidade, por exemplo, a paixão da qual estas são objeto, sendo agradável ou desagradável, gera uma relação de impressões com o orgulho ou a humildade; “A virtude ou vício de um filho ou irmão não apenas excita o amor ou o ódio, mas por uma nova transição, de causas semelhantes, dá origem ao orgulho ou à humildade” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.II.II³⁴]).

Entretanto, o orgulho e a humildade podem ser transformados em amor ou ódio quando a outra pessoa é a própria causa do orgulho e da humildade no indivíduo. Assim, nada produz mais facilmente ternura e afeição por uma pessoa que a aprovação dela por sua conduta e caráter. Em contrapartida, nada inspira maior ódio do que a censura ou desprezo dos outros por si mesmo. Evidentemente, nesse caso, a paixão original é o orgulho ou a humildade, cujo objeto é o “eu”, e essa paixão se transforma em amor ou ódio, cujo objeto é alguma outra pessoa.

A compaixão raramente é sentida sem alguma mistura de ternura ou amizade e a inveja é naturalmente acompanhada de raiva ou discordância. Desejar a felicidade do outro, por qualquer motivo, é um bom preparativo para o afeto e deleitar-se com a miséria de outra pessoa, quase inevitavelmente, gera aversão por ele. A tendência semelhante da compaixão à amizade, e da inveja à raiva, forma uma relação muito próxima entre esses dois conjuntos de paixões. Não é uma semelhança de sentimento, mas uma semelhança de tendência ou direção. Seu efeito, porém, é o mesmo, ao produzir uma associação de paixões.

Para causar uma união perfeita entre as paixões, e fazer uma produzir a outra, é sempre necessária uma dupla relação de ideias e impressões. Mas quando duas paixões já são produzidas por causas separadas, elas prontamente se misturam e se unem, embora tenham apenas uma relação. A paixão predominante “engole” (*swallows up*) a menor e a converte em si mesma.

Pode-se observar em geral que quando paixões contrárias surgem de objetos que não estão ligados entre si, ocorrem alternadamente. Assim, quando um homem está aflito pela perda de um processo judicial e alegre pelo nascimento de um filho, “[...] a mente, correndo do objeto agradável para o calamitoso [...] permanece entre elas em um estado de indiferença” (HUME, *Dissertation*, 2007 [1.9³⁵]).

Nesse caso, ambas as paixões, misturando-se entre si por simultaneidade, muitas vezes se tornam mutuamente destrutivas e deixam a mente em perfeita tranquilidade. Mas, supondo-se que o objeto não seja uma combinação de bem e mal, mas que seja considerado provável ou improvável em qualquer grau, nesse caso, as paixões contrárias estarão ambas presentes ao mesmo tempo na alma e, ao invés de se equilibrarem e se temperarem, subsistirão juntas, produzindo uma terceira impressão ou afecção, como esperança ou medo.

Nas paixões contrárias, se os objetos são totalmente diferentes, as paixões são como dois licores opostos em garrafas diferentes, que não tem qualquer influência uma sobre a outra. Se os objetos estão intimamente ligados, as paixões são como um álcali e um ácido que, misturados, se destroem. Se a relação for mais imperfeita e consistir nas visões contraditórias do mesmo objeto, as paixões são como óleo e vinagre, que, embora mesclados, nunca se unem ou se incorporam perfeitamente (HUME, *Dissertation*, 2007 [1.9³⁶]).

Quando uma pessoa está apaixonada, a raiva e o ódio dos pequenos defeitos e caprichos de sua amante, os ciúmes e brigas a que essa relação está tão sujeita, por mais desagradáveis que sejam, dão ainda mais força à paixão prevalente do amor.

É um artifício comum entre comerciantes, quando pretendem oferecer um negócio, despertar primeiro a curiosidade e atrasar tanto quanto possível a sua satisfação, aumentando a ansiedade e impaciência do consumidor ao máximo. Eles sabem que essa curiosidade o precipitará na paixão que pretendem suscitar e ajudará o objeto em sua influência sobre a sua mente.

Visto que as paixões, embora independentes, são naturalmente transmutadas umas nas outras se ambas estiverem presentes ao mesmo tempo, segue-se que quando o bem ou o mal são colocados em tal situação que causam qualquer emoção particular, além de sua paixão direta de desejo ou aversão, essa emoção pode adquirir força e violência maiores do que a concorrência de quaisquer duas afecções de igual força.

Isso frequentemente ocorre quando qualquer objeto desperta paixões contrárias, pois a oposição de paixões comumente causa uma nova emoção e essa nova emoção é facilmente convertida na paixão predominante, em muitos casos mais violentamente do que se a paixão original não tivesse encontrado nenhuma oposição. Nesse sentido, quando se deseja alguma coisa, deseja-se naturalmente mais ao se saber que essa coisa é proibida. Quando se tem prazer em realizar alguma atividade, muitas vezes, o prazer pode se tornar maior se a atividade for ilegal. Assim, a noção de dever, quando oposta às paixões, nem sempre consegue superá-las e, quando falha nesse efeito, é até capaz de aumentá-las, produzindo uma oposição de motivos e princípios.

A incerteza tem o mesmo efeito que a oposição, quer devido a agitação do pensamento, as mudanças rápidas que faz de um ponto de vista a outro, ou a variedade de paixões que se sucedem, de acordo com os diferentes pontos de vista. Tudo isso produz uma emoção na mente e essa emoção se transfunde na paixão predominante.

Algumas paixões surgem a partir da oposição de causas contrárias, pelas quais a mente não pode se fixar em nenhum dos lados, sendo incessantemente jogada de um

para o outro, para considerar um objeto de determinado modo em um momento e de outro modo em outro. A imaginação ou compreensão humana oscila entre essas visões contraditórias e embora talvez possa ser mais frequentemente desviada para um lado do que para o outro, é impossível para ela, em razão da oposição de causas ou circunstâncias, fixar-se em qualquer um dos lados. Os prós e contras da questão prevalecem alternadamente e a mente, examinando os objetos em suas diferentes perspectivas, encontra tal contrariedade que destrói toda certeza ou opinião previamente estabelecida.

Suponha, então, que o objeto sobre o qual duvidamos, produza desejo ou aversão; é evidente que, conforme a mente se volta para um lado ou para o outro, deve sentir uma impressão momentânea de alegria ou tristeza. Um objeto, cuja existência desejamos, dá satisfação, quando pensamos nas causas que o produzem; e pela mesma razão, provoca pesar ou inquietação da consideração oposta. Para que, como o entendimento, nas questões prováveis, se divide entre os pontos de vista contrários, o coração deve da mesma maneira estar dividido entre emoções opostas (HUME, *Dissertation*, 2007 [1.3³⁷]).

Segundo Hume, em relação às paixões, a mente humana não é como um instrumento musical de sopro, que perde completamente o som ao cessar do assopro, mas como um instrumento de corda, que a cada toque produz vibrações que sustentam alguma sonoridade e que se reduz apenas gradualmente.

A imaginação é extremamente rápida e ágil; mas as paixões, em comparação, são lentas e inquietas. Por isso, quando qualquer objeto é apresentado, permitindo uma variedade de pontos de vista para uns e emoções para outros, embora a imaginação possa mudar seus pontos de vista com grande rapidez, cada golpe de paixão não produzirá uma nota clara e distinta, mas uma paixão sempre será misturada e confundida com quaisquer outras (HUME, *Dissertation*, 2007 [1.3³⁸]).

Por fim, a doutrina das paixões de Hume faz uma importante inovação na correlação entre paixões e razão. Nada era mais comum na filosofia que falar no combate entre a paixão e a razão, dar preferência à razão e afirmar que os homens só são virtuosos quando se conformam a seus preceitos. Afirmava-se que toda criatura racional era obrigada a regular suas ações pela razão e, se qualquer outro motivo ou princípio disputa a direção de sua conduta, a pessoa deveria se opor a ele até subjugá-lo por completo ou, ao menos, até torná-lo conforme àquele princípio superior. A maior parte da filosofia moral, antiga ou moderna, parecia estar fundada nesse modo de pensar. E não há campo mais vasto, tanto para argumentos metafísicos como para declamações populares, que essa suposta primazia da razão sobre a paixão; “A eternidade, invariabilidade e origem divina [da razão] foram exibidas com a melhor vantagem; a cegueira, a inconstância e a falsidade [da paixão] foram salientados com o mesmo vigor” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.III.III³⁹]).

Mas Hume defende que essa filosofia é uma falácia. Para ele, ante a perspectiva de sentir dor ou prazer por causa de um objeto e, em consequência disso, uma emoção de aversão ou disposição, é evidente que qualquer um será levado a evitar ou perseguir aquilo que lhe proporcionará esse desprazer ou satisfação. É natural que tal emoção não se limite a isso, mas fará também com que o indivíduo preste atenção a todas as circunstâncias que estejam conectadas ao objeto original pela relação de causa e efeito. É aqui, portanto, que o raciocínio tem lugar, ou seja, para descobrir essa relação e avaliar a influência que ela terá nas suas ações atuais e subsequentes. Nesse sentido, o

impulso não decorre da razão, sendo apenas dirigido por ela. É a perspectiva de dor ou prazer que gera a aversão ou propensão ao objeto e essas emoções se estendem àquilo que a razão e a experiência apontam como as causas e os efeitos desse objeto. A razão não é, portanto, nem causa nem efeito das ações e vontades, mas a descoberta ou explicação da conexão entre suas causas e efeitos, sendo incapaz de impedir uma vontade ou de disputar a preferência com qualquer paixão ou emoção.

No *Tratado*, Hume frequente se refere à razão e às paixões de forma distinta, como se razão e paixão fossem dicotômicas. Todavia, em algumas passagens, ele dissolve implicitamente essa distinção e a razão é tratada como uma espécie de paixão.

[...] a paixão é uma emoção violenta e sensível da mente, quando qualquer bem ou mal é apresentado, ou qualquer objeto, que, pela formação original de nossas faculdades, é adequado para excitar um apetite. Por razão, queremos dizer afetos do mesmo tipo que o primeiro; mas aqueles que operam com mais calma e não causam desordem no temperamento; essa tranquilidade nos leva a um erro em relação a eles e nos leva a considerá-los apenas como conclusões de nossas faculdades intelectuais (HUME, *Treatise*, 1960 [II.III.VIII⁴⁰]).

Como uma paixão não pode nunca ser dita contrária à razão, a não ser que esteja fundada em uma falsa suposição ou que escolha meios insuficientes para o fim pretendido – e nesses casos não é propriamente a paixão que é contrária à razão, mas o juízo –, é impossível que razão e paixão possam se opor mutuamente ou disputar o controle da vontade e das ações. Assim que se percebe a falsidade de uma suposição ou a insuficiência de certos meios, as paixões cedem à razão sem nenhuma oposição. Desse modo, as paixões violentas exercem uma influência mais poderosa sobre a vontade, mas se pode frequentemente observar que as paixões calmas, quando corroboradas pela reflexão e auxiliadas pela resolução, são capazes de controlá-las em seus movimentos mais impetuosos.

Na *Dissertação sobre as paixões*, publicada 17 anos após o *Tratado da natureza humana*, a aparente dicotomia entre a razão e as paixões é abandonada e a razão é tratada mais diretamente como uma paixão calma. O que é comumente denominado razão, no sentido popular, nada mais é do que uma paixão geral e serena, que tem uma visão abrangente e distante de seu objeto, e que aciona a vontade sem excitar qualquer emoção sensível. Os mesmos objetos que se apresentam à razão também são objetos da paixão. Quando se aproximam, dependendo das circunstâncias, podem apresentar congruência ou incongruência com o temperamento interno do indivíduo e, por esse meio, excitar uma paixão calma ou uma emoção turbulenta e sensível; “O mal, a grande distância, é evitado, dizemos, da razão; o mal, próximo, produz aversão, horror, medo e é objeto de paixão” (HUME, *Dissertation*, 2007 [5.3⁴¹]).

O erro comum dos metafísicos consiste em atribuir a direção da vontade inteiramente a um desses princípios e supor que o outro não tenha influência. Os homens frequentemente agem conscientemente contra seus interesses. Não é, portanto, a visão do maior bem possível que vai sempre influenciá-los. Eles muitas vezes se opõem a uma paixão violenta, perseguindo seus interesses e desígnios distantes. Não é, portanto, apenas a inquietação presente que os determina. Em geral, pode-se observar que ambos os princípios operam na vontade e, se forem contrários, qualquer um deles pode prevalecer. Uma paixão calma pode facilmente se tornar violenta, seja por uma mudança no humor da pessoa ou na situação e nas circunstâncias que envolvem o objeto, seja por extrair força de uma paixão concomitante, pelo costume, ou por excitar

a imaginação. O que se costuma chamar de força de espírito é a prevalência das paixões calmas sobre as violentas, embora se possa facilmente observar que não há pessoa tão constantemente possuída por essa virtude que nunca, em qualquer ocasião, ceda às pressões das paixões violentas e do desejo. Dessas variações de temperamento procedem as grandes dificuldades dos homens em se decidir com respeito às suas ações e resoluções futuras, onde quer que exista quaisquer contrariedades de motivos e paixões.

Na obra *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume estuda o comportamento e a conduta humana com o objetivo de estabelecer os princípios psicológicos da natureza humana. Fazendo uma analogia com a natureza dos animais, ele não traça uma linha nítida de demarcação entre homens e animais, sustentando que qualquer teoria que tente explicar as operações do entendimento ou a origem e conexão das paixões no homem terá maior fundamentação se provar que a mesma teoria é necessária para explicar fenômenos semelhantes em todos os outros animais. Não é necessário mostrar aqui toda a análise que Hume fez do comportamento animal, apenas que essa relação entre animais e humanos teve influência posterior na formulação da teoria da evolução de Darwin (LAING, 1925, p. 652).

Hume destronou a razão de sua posição soberana no conhecimento, enunciando a conhecida doutrina de que “a razão é e deve ser apenas escrava das paixões, e nunca pode pretender outro ofício senão servi-las e obedecê-las” (HUME, *Treatise*, 1960 [II.III.III⁴²]). Para explicar sua doutrina do conhecimento, das paixões e da moral, Hume faz uso do termo “instinto” (*instinct*).

[...] embora os animais aprendam muitas partes de seu conhecimento pela observação, também há muitas partes deles que derivam da mão original da natureza; que excedem em muito a parte da capacidade que possuem normalmente; e em que eles melhoram, pouco ou nada, pela mais longa prática e experiência. A isso nós denominamos instintos, e somos tão propensos a admirar, como algo muito extraordinário e inexplicável por todas as investigações do entendimento humano (HUME, *Enquiry concerning human understanding*, 1960 [IX.6⁴³]).

Todas as operações mentais são reduzidas por ele a “[...] instintos naturais, que nenhum raciocínio ou processo da mente e do entendimento é capaz de produzir ou impedir” (HUME, *Enquiry concerning human understanding*, 2007 [V.I.8⁴⁴]). Assim, a razão em si mesma deve ser considerada como “[...] nada além de um instinto maravilhoso e ininteligível em nossas almas” (HUME, *Treatise*, 1960 [I.III.XVI⁴⁵]).

A certeza de que os objetos são independentes, reais e têm uma existência contínua é uma opinião que é adotada por uma espécie de instinto ou impulso natural, em decorrência de sua adequação e conformidade com a mente; não é senão a que “[...] formamos depois de uma reflexão calma e profunda” (HUME, *Treatise*, 1960 [I.II.IV⁴⁶]).

Hume constrói sua teoria da moral e das paixões, bem como sua teoria do conhecimento, sobre o argumento de que a mente “opera” (*operates*) de uma maneira perfeitamente determinada quando colocada em uma situação definida ou confrontada com determinadas circunstâncias, e que essa operação é comum ou uniforme nos homens e, em certa medida, nos animais; “Quando estamos assim situados” é tão inevitável “sentir a paixão do amor, quando recebemos benefícios; ou ódio, quando nos deparamos com injúrias” (HUME, *Enquiry concerning human understanding*, 2007 [V.I.8⁴⁷]).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, para Hume, as paixões em geral como percepções da mente – incluindo as emoções, sentimentos e gostos –, embora também sirvam como motivações para agir e mesmo para raciocinar. Em sentido estrito, gosto e sentimento são estados afetivos calmos, suscetíveis de cultivo, sujeitos a padrões e capazes de refrear os excessos das paixões excessivamente violentas, mais apropriadamente chamadas de emoções.

Como percepções mentais, as paixões são causadas por impressões e ideias básicas de uma maneira determinística e imperativa, endossando a forte analogia entre a física da matéria e a ciência da mente. Com esse paradigma metodológico, ele produz uma ciência mental na qual a vontade não age espontaneamente, mas apenas por sensações, impressões e ações conectadas por elos de causa e efeito. Assim, tanto as paixões quanto a razão tinham naturezas de instintos naturais, fazendo uma analogia com a natureza instintiva dos animais que já havia sido sugerida no passado por Aristóteles e seria aprofundada por Darwin no século seguinte.

Hume faz uma distinção entre paixões diretas – como alegria, pesar e desejo, por exemplo – e paixões indiretas – como orgulho, humildade, amor e ódio. As primeiras, derivam imediatamente do bem ou do mal, da dor ou do prazer. As últimas também são fundadas na dor e no prazer, mas requerem a interposição de uma dupla associação de ideias e impressões decorrentes de um objeto – causa da paixão – relacionado ao próprio indivíduo ou a outrem – sujeito da paixão. A volição ou vontade não é uma paixão, mas está intimamente ligada às paixões diretas e indiretas, uma vez que é movida por elas, constituindo seus motivos influenciadores; o impulso não decorre da razão, sendo apenas dirigido por ela. A razão, portanto, não é nem causa nem efeito das ações e vontades, mas a revelação ou explicação da conexão entre suas causas e efeitos.

Nesse sentido, a doutrina das paixões de Hume faz uma importante inovação na correlação entre paixões e razão. A razão nada mais é do que uma paixão calma. Assim, Hume destronou a razão de sua posição soberana no conhecimento. As paixões não são mais subordinadas e nem são independentes da razão; a razão é que é subordinada às paixões.

REFERÊNCIAS

- COLLIER, M. Hume's science of emotions: feeling theory without tears. *Hume Studies*, Charlottesville, v. 37, n. 1, p. 3-18, 2011. Disponível em: <Hume's Science of Emotions: Feeling Theory without Tears (philarchive.org)>. Acesso em: 21 ago. 2022, 15:45:00.
- CRANSTON, M.; JESSOP, T. E. David Hume. In: *Encyclopedia Britannica*. Chicago: Encyclopædia Britannica, Inc., 2021. Disponível em: <David Hume | Biography, Philosophy, Empiricism, Skepticism, & Works | Britannica>. Acesso em: 21 ago. 2022, 15:45:00.
- DIXON, T. *From passions to emotions: the creation of a secular psychological category*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. 287 p.
- HUME, D. An enquiry concerning human understanding. In: MILLICAN, P. (Ed.). *Oxford world's classics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HUME, D. A treatise of human nature. In: SELBY-BIGGE, L. A. (Ed.). *A treatise of human nature*. Oxford: Clarendon Press, 1960.
- HUME, D. A dissertation on the passions. In: BEAUCHAMP, T. L. (Ed.). *A dissertation on the passions; the natural history of religion: a critical edition*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

- HUME, D. Of the delicacy of taste and passion. In: MILLER, E. F. (Ed.). *Essays moral, political, literary*. Indianapolis: Liberty Fund, 1987.
- LAING, B. M. The contemporary theory of instinct. *The Monist*, Oxford, v. 35, n. 1, p. 49-69, 1925.
- MATOS, J. C. M. Instinto e razão na natureza humana, segundo Hume e Darwin. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 263-286, 2007.
- MORRIS, W. E.; BROWN, C. R. David Hume. In: ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford encyclopedia of philosophy*. Stanford: Stanford University, 2021. Disponível em: <David Hume (Stanford Encyclopedia of Philosophy/Spring 2021 Edition)>. Acesso em: 21 ago. 2022, 15:45:00.
- SCHMITTER, A. M. Hume on the emotions: Supplement to 17th and 18th century theories of emotions. In: ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford encyclopedia of philosophy*. Stanford: Stanford University, 2021. Disponível em: <17th and 18th Century Theories of Emotions > Hume on the Emotions (Stanford Encyclopedia of Philosophy)>. Acesso em: 21 ago. 2022, 15:45:00.

NOTAS

- 1 [...] in the production and conduct of the passions, there is a certain regular mechanism, which is susceptible of as accurate a disquisition, as the laws of motion, optics, hydrostatics, or any part of natural philosophy (HUME, Dissertation, 2007 [6.9]).
- 2 A painter, who intended to represent a passion or emotion of any kind, wou'd endeavour to get a sight of a person actuated by a like emotion [...] (HUME, Treatise, 1960 [I.III.V]).
- 3 Our internal impressions are our passions, emotions, desires and aversions; none of which, I believe, will ever be asserted to be the model, from which the idea of space is deriv'd. There remains therefore nothing but the senses, which can convey to us this original impression (HUME, Treatise, 1960 [I.II.III]).
- 4 Those perceptions, which enter with most force and violence, we may name impressions; and under this name I comprehend all our sensations, passions and emotions, as they make their first appearance in the soul. By ideas I mean the faint images of these in thinking and reasoning; such as, for instance, are all the perceptions excited by the present discourse, excepting only, those which arise from the sight and touch, and excepting the immediate pleasure or uneasiness it may occasion (HUME, Treatise, 1960 [I.I.I]).
- 5 Original impressions or impressions of sensation are such as without any antecedent perception arise in the soul, from the constitution of the body, from the animal spirits, or from the application of objects to the external organs. Secondary, or reflective impressions are such as proceed from some of these original ones, either immediately or by the interposition of its idea (HUME, Treatise, 1960 [II.I.I]).
- 6 [...] originally, from unknown causes (HUME, Treatise, 1960 [I.I.I]).
- 7 [...] in a great measure from our ideas [...] (HUME, Treatise, 1960 [I.I.I]).
- 8 An impression first strikes upon the senses, and makes us perceive heat or cold, thirst or hunger, pleasure or pain of some kind or other. Of this impression there is a copy taken by the mind, which remains after the impression ceases; and this we call an idea. This idea of pleasure or pain, when it returns upon the soul, produces the new impressions of desire and aversion, hope and fear, which may properly be called impressions of reflexion, because derived from it (HUME, Treatise, 1960 [I.I.I]).
- 9 The reflective impressions may be divided into two kinds, viz. the calm and the violent. Of the first kind is the sense of beauty and deformity in action, composition, and external objects. Of the second are the passions of love and hatred, grief and joy, pride and humility (HUME, Treatise, 1960 [II.I.I]).
- 10 [...] he is more happy by what pleases his taste, than by what gratifies his appetites, and receives more enjoyment from a poem or a piece of reasoning than the most expensive luxury can afford (HUME, Delicacy of taste and passion, 1987).
- 11 [...] good or evil, from pain or pleasure (HUME, Treatise, 1960 [II.III.I]).
- 12 [...] conjunction of other qualities (HUME, Treatise, 1960 [III.I.I]).

- 13 [...] moderate warmth is agreeable and good; excessive heat painful and evil (HUME, Dissertation, 2007 [1.1]).
- 14 [...] The punishment of an adversary, by gratifying revenge, is good; the sickness of a companion, by affecting friendship, is evil (HUME, Dissertation, 2007 [1.1]).
- 15 [...] the internal impression we feel and are conscious of, when we knowingly give rise to any new motion of our body, or new perception of our mind (HUME, Treatise, 1960 [II.III.I]).
- 16 The necessity of any action, whether of matter or of the mind, is not properly a quality in the agent, but in any thinking or intelligent being, who may consider the action, and consists in the determination of his thought to infer its existence from some preceding objects : As liberty or chance, on the other hand, is nothing but the want of that determination, and a certain looseness, which we feel in passing or not passing from the idea of one to that of the other (HUME, Treatise, 1960 [II.III.II]).
- 17 [...] properly speaking, produce good and evil [...] (HUME, Treatise, 1960 [II.III.IX]).
- 18 [...] 'tis impossible we can ever, by a multitude of words, give a just definition [...] of any of the passions (HUME, Treatise, 1960 [I.I.I]).
- 19 [...] a certain satisfaction in ourselves, on account of some accomplishment or possession, which we enjoy [...] (HUME, Dissertation, 2007 [2.1]).
- 20 [...] a dissatisfaction with ourselves, on account of some defect or infirmity (HUME, Dissertation, 2007 [2.1]).
- 21 [...] that agreeable impression, which [...] makes us satisfy'd with ourselves [...] (HUME, Treatise, 1960 [II.I.VII]).
- 22 [...] a dissatisfaction with ourselves, on account of some defect or infirmity (HUME, Dissertation, 2007 [2.1]).
- 23 [...] houses, gardens, equipage, and other external objects; as well as upon personal merit and accomplishments (HUME, Dissertation, 2007 [2.8]).
- 24 Men are also vain of the happy temperature of the climate, in which they are born; of the fertility of their native soil; of the goodness of the wines, fruits, or victuals, produced by it; of the softness or force of their language, with other particulars of that kind. These objects have plainly a reference to the pleasures of sense, and are originally considered as agreeable to the feeling, taste, or hearing (HUME, Dissertation, 2007 [2.8]).
- 25 If the property of any thing, that gives pleasure either by its utility, beauty or novelty, produces also pride by a double relation of impressions and ideas; we need not be surpriz'd, that the power of acquiring this property, shou d have the same effect (HUME, Treatise, 1960 [II.I.X]).
- 26 His wine [...] has a finer flavour than any other; his cookery is more exquisite; his table more orderly; his servants more expert; the air, in which he lives, more healthful; the soil, which he cultivates, more fertile; his fruits ripen earlier, and to greater perfection: Such a thing is remarkable for its novelty; such another for its antiquity: This is the workmanship of a famous artist; that belonged once to such a prince or great man (HUME, Dissertation, 2007 [2.9]).
- 27 We love our country-men, our neighbours, those of the same trade, profession, and even name with ourselves. Every one of these relations is esteemed some tie, and gives a title to a share of our affection (HUME, Treatise, 1960 [II.II.IV]).
- 28 In general we may remark, that the minds of men are mirrors to one another, not only because they reflect each others emotions, but also because those rays of passions, sentiments and opinions maybe often reverberated, and may decay away by insensible degrees. Thus the pleasure, which a rich man receives from his possessions, being thrown upon the beholder, causes a pleasure and esteem; which sentiments again, being perceiv'd and sympathiz'd with, increase the pleasure of the possessor; and being once more reflected, become a new foundation for pleasure and esteem in the beholder. There is certainly an original satisfaction in riches deriv'd from that power, which they bestow, of enjoying all the pleasures of life; and as this is their very nature and essence, it must be the first source of all the passions, which arise from them (HUME, Treatise, 1960 [II.II.V]).
- 29 [...] A great object makes a little one appear less. Deformity of itself produces uneasiness; but makes us receive new pleasure by its contrast with a beautiful object, whose beauty is

augmented by it; as on the other hand, beauty, which of itself produces pleasure, makes us receive a new pain by the contrast with any thing ugly, whose deformity it augments. The case, therefore, must be the same with happiness and misery. The direct survey of another's pleasure naturally gives us pleasure, and therefore produces pain when compar'd with our own. His pain, consider'd in itself, is painful to us, but augments the idea of our own happiness, and gives us pleasure (HUME, Treatise, 1960 [II.II.VIII]).

- 30 A poet is not apt to envy a philosopher, or a poet of a different kind, of a different nation, or of a different age. All these differences, if they do not prevent, at least weaken the comparison, and consequently the passion (HUME, Dissertation, 2007 [4.5]).
- 31 [...] any continu'd sound, as the music of birds, or a fall of waters, awakens every moment the mind of the beholder, and makes him more attentive to the several beauties of the place, that lie before him. Thus if there arises a fragranity of smells or perfumes, they heighten the pleasure of the imagination, and make even the colours and verdure of the landscape appear more agreeable; for the ideas of both senses recommend each other, and are pleasanter together than when they enter the mind separately [...] (HUME, Treatise, 1960 [II.I.V]).
- 32 [...] as the wind extinguishes a candle, but blows up a fire [...] (HUME, Dissertation, 2007 [6.7]).
- 33 [...] a man, who, by any injury received from another, is very much discomposed and ruffled in his temper, is apt to find a hundred subjects of hatred, discontent, impatience, fear, and other uneasy passions; especially, if he can discover these subjects in or near the person, who was the object of his first emotion (HUME, Dissertation, 2007 [2.3]).
- 34 The virtue or vice of a son or brother not only excites love or hatred, but by a new transition, from similar causes, gives rise to pride or humility (HUME, Treatise, 1960 [II.II.II]).
- 35 [...] the mind, running from the agreeable to the calamitous object [...] remain between them in a state of indifference (HUME, Dissertation, 2007 [1.9]).
- 36 In contrary passions, if the objects be totally different, the passions are like two opposite liquors in different bottles, which have no influence on each other. If the objects be intimately connected, the passions are like an alcali and an acid, which, being mingled, destroy each other. If the relation be more imperfect, and consist in the contradictory views of the same object, the passions are like oil and vinegar, which, however mingled, never perfectly unite and incorporate (HUME, Dissertation, 2007 [1.9]).
- 37 Suppose, then, that the object, concerning which we are doubtful, produces either desire or aversion; it is evident, that, according as the mind turns itself to one side or the other, it must feel a momentary impression of joy or sorrow. An object, whose existence we desire, gives satisfaction, when we think of those causes, which produce it; and for the same reason, excites grief or uneasiness from the opposite consideration. So that, as the understanding, in probable questions, is divided between the contrary points of view, the heart must in the same manner be divided between opposite emotions (HUME, Dissertation, 2007 [1.3]).
- 38 The imagination is extremely quick and agile; but the passions, in comparison, are slow and restive: For which reason, when any object is presented, which affords a variety of views to the one and emotions to the other; though the fancy may change its views with great celerity; each stroke will not produce a clear and distinct note of passion, but the one passion will always be mixed and confounded with the other (HUME, Dissertation, 2007 [1.3]).
- 39 The eternity, invariableness, and divine origin of the former have been display'd to the best advantage: The blindness, unconstancy and deceitfulness of the latter have been as strongly insisted on (HUME, Treatise, 1960 [II.III.III]).
- 40 [...] passion is a violent and sensible emotion of mind, when any good or evil is presented, or any object, which, by the original formation of our faculties, is fitted to excite an appetite. By reason we mean affections of the very same kind with the former; but such as operate more calmly, and cause no disorder in the temper: Which tranquillity leads us into a mistake concerning them, and causes us to regard them as conclusions only of our intellectual faculties (HUME, Treatise, 1960 [II.III.VIII]).

- 41 Evil, at a great distance, is avoided, we say, from reason: Evil, near at hand, produces aversion, horror, fear, and is the object of passion (HUME, *Dissertation*, 2007 [5.3]).
- 42 Reason is, and ought only to be the slave of the passions, and can never pretend to any other office than to serve and obey them (HUME, *Treatise*, 1960 [II.III.III]).
- 43 [...] though animals learn many parts of their knowledge from observation, there are also many parts of it, which they derive from the original hand of nature; which much exceed the share of capacity they possess on ordinary occasions; and in which they improve, little or nothing, by the longest practice and experience. These we denominate Instincts, and are so apt to admire, as something very extraordinary, and inexplicable by all the disquisitions of human understanding (HUME, *Enquiry concerning human understanding*, 2007 [IX.6]).
- 44 [...] natural instincts, which no reasoning or process of the mind and understanding is able, either to produce, or to prevent (HUME, *Enquiry concerning human understanding*, 2007 [VI.8]).
- 45 [...] nothing but a wonderful and unintelligible instinct in our souls (HUME, *Treatise*, 1960 [I.III.XVI]).
- 46 [...] we form after a calm and profound reflection (HUME, *Treatise*, 1960 [I.II.IV]).
- 47 When we are so situated, as unavoidable as to feel the passion of love, when we receive benefits; or hatred, when we meet with injuries (HUME, *Enquiry concerning human understanding*, 2007 [VI.8]).